JOSÉ CASTELLO



Cavalcante



Ensaios da ignorância

Um jovem entrega seu rascunho ao professor de criação literária. "Mestre, aqui está o que escrevi", diz. Antecipando-se ao risco da crítica, ele acrescenta: "É péssimo. Dá-me a impressão de que foi outro que escreveu". O rapaz está certo: a escrita, boa ou ruim, é sempre de um outro. A divergência o leva a pensar que um estranho o domina. O outro que nele habita, porém, ainda é ele mesmo.

A história do jovem atrapalhado com sua escrita está em "Ensaios íntimos e imperfeitos" (L&PM Editores), de Luiz Antonio de Assis Brasil. Reunião de especulações breves que desestabilizam um pouco tudo aquilo que o próprio escritor gaúcho ensina em suas concorridas oficinas literárias. De que serve transmitir habilidade e técnica se, em literatura, o mais importante fica sempre de fora? Mais: será possível acessar essa zona cinzenta na qual a voz de um outro — involuntária como um sonho — nos subjuga?

É sim, mas não através de bulas, ou de mordaças. E só se paramos para escutar (para ler) a voz desse desconhecido. Enquanto escreve, seja o que for, um escritor lê a si mesmo. E, para ler a si, nem as rotinas da biologia emprestam garantias. A desestabilização, sugere Assis Brasil, está no próprio corpo. Em um capítulo dedicado à anatomia humana, ele diz: "Nosso corpo é nosso estranho. É um outro que não dominamos".

O tema da submissão involuntária se repete no capítulo que Assis Brasil dedica ao destino. Nele, recorda a tarde em que o filósofo romano Cícero recebeu a visita de um amigo atormentado, o cônsul Hirtius, ansioso para saber o que é, afinal, o destino. O amigo esperava uma resposta, recebeu uma rasteira. Contorcendo as palavras, Cícero lhe mostrou que, quando falamos do destino, falamos, na verdade, de outra coisa. "Não se discute a existência do destino ao se pensar nele, mas se discute a liberdade", resume Assis Brasil.

Interrogar-se sobre o destino só tem sentido se nos perguntamos a respeito da liberdade. É sempre assim: pensamos falar de uma coisa, e falamos de outra. Esse deslocamento original é o tema dos pequenos, mas vigorosos, ensaios de Assis Brasil. Logo à entrada, ele nos diz que eles não devem ser de imediato aceitos; e, se aceitos, não devem ser entendidos como categóricos. Sem nenhuma auto-piedade, o escritor arremata: "Se entendidos como categóricos, devem ser esquecidos".

> Palavras são cápsulas de pouca resistência, com que encobrimos a ignorância

O esquecimento está na origem das palavras. As velhas tias contavam que a primeira palavra do bebê foi "água". Assis Brasil observa: "Como eram surdas, poderia ser isso, ou qualquer outra coisa". Piedosa, a mãe garante que as palavras iniciais do infante foram "salve Santo Antônio". O adulto crê, deseja crer. Contudo, ele nos lembra, quando o bebê pronuncia sua primeira palavra, não há ninguém por perto. Esse é um ato sem testemunhas: "Um descuido da babá, da mamãe, da vovó, e a criança diz a palavra secreta". Assim, a real primeira palavra é "jogada ao silêncio, ao vazio, ao nada". Sobre esse lapso, construímos nossos destinos. A partir dele, os escritores fazem literatura.

Também as últimas palavras vêm encharcadas pelas circunstâncias. Quando subiu ao cadafalso, Maria Antonieta, a última rainha da França, pisou acidentalmente no pé de seu carrasco. Sem pensar, ela murmurou suas últimas palavras: "Senhor, peço desculpas, foi sem querer". Segundos antes da morte, as últimas palavras de Maria Antonieta não se referiam ao destino, ou à glória, ou a Deus. Mas a um pequeno acidente que, por acaso, ainda lhe coube viver. Conclui Assis Brasil: "Maria Antonieta comprova que, sim, podemos pertencer sem constrangimento à espécie humana". Que se constitui não de passos lineares, mas de escorregões.

Daí o cuidado que devemos ter com as palavras. Elas são cápsulas de pouca resistência, com que encobrimos (escondemos) a ignorância. "Damos nomes às coisas para encarcerá-las no tempo", diz Assis Brasil. Palavras, então, são cárceres. Com elas, carregados pelas miudezas do cotidiano, perseguimos alguma coisa do mundo. Alguma coisa que, como a primeira palavra do bebê, nunca se deixa pegar.

Daí outra idéia, que Assis Brasil defende com insistência: a de que escrever é "dar limites". Mas dar limites a que? Sob a crosta da escrita se abre um abismo. Ele nos leva à vertigem, nem os limites a atenuam. É o horror do vazio que nos leva, por exemplo, em pura exibição de desamparo, ao recurso dos adjetivos. "Na linguagem, os adjetivos representam o medo que o substantivo, sozinho, leve-nos ao Nada", diz.

Os ensaios em fragmentos de Assis Brasil são, eles mesmos, com suas fendas e irregularidades, metáforas das privações que sustentam a literatura. Podemos compará-las ao que se passa no espaço cósmico, em que astros e estrelas (palavras) são apenas diminutos acidentes. Jovens escritores, ansiosos, crêem que a maturidade está em sua superação. Esquecem-se do exemplo da música, que não existiria não fosse a pausa — o silêncio. Recorda Assis Brasil: "Ali, na pausa, é que está a música". Não houvesse pausas, não poderíamos ouvir. Houve uma pausa primordial, anterior à Criação dos místicos, ou ao Big Bang dos cientistas, que, ao descerrar (limitar) uma fenda entre a sombra e a luz, separou o caos do cosmos. Teólogos e cientistas, cada um a seu modo, tentam reconstituí-la. Ela está perdida para sempre.

Em um intervalo de minha leitura, recebo o e-mail de um amigo, M., ainda abalado com a morte recente, no Rio, do psicanalista Wilson Chebabi, que foi um mestre para toda uma geração. Escreve esse amigo, repetindo uma frase que ouviu na missa fúnebre: "Com ele aprendi a perceber que há o errado no certo e o certo no errado". De novo, as interrupções bruscas, a ação radical do silêncio, os furos que reviram as idéias. Limites que meu amigo soube ler, não em um livro, mas em sua tristeza. Volto a Assis Brasil, quando ele nos lembra que o sábio é aquele que "não desconhece que suas palavras são relativas, que seus dentes caem, que sua lógica é frágil". Nenhuma dessas restrições o leva a desistir de saber, ao contrário, elas o levam a desejar saber.

[FICÇÃO][FICÇÃO][FICÇÃO]

Espelho-sumidouro do carioca Plosk

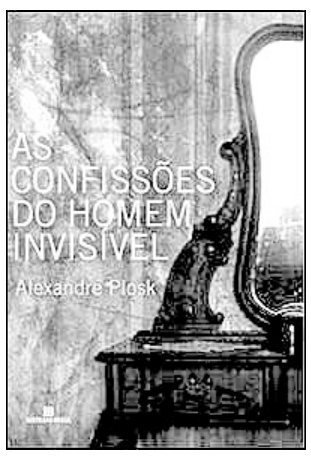
Segundo romance do escritor possui teor fantástico, policial e metafísico

As confissões do homem invisível, *de Alexandre Plosk. Editora Bertrand Brasil, 392 páginas. R$ 49*

Paulo Bentancur

O protagonista de "As confissões do homem invisível", segundo e igualmente criativo romance do carioca Alexandre Plosk, descobre numa fábrica de espelhos, que, subitamente, não se vê mais refletido na superfície desse artefato tão exaustivamente metaforizado na literatura. As referências a que somos levados a nos confrontar são muitas: o inglês H. G. Wells (1866-1946), que previu destinações utópicas para o cientificismo de sua época, e seu "The invisible man", de 1897; dez anos antes, "O Horla", do francês Guy de Maupassant (1850-1893), e o mal-estar do protagonista que, em diversos trechos, lembra o romance de Plosk.

Com uma enorme diferença: Maupassant não fala de invisibilidade, mas de pluripresença, de uma segunda consciência (mortal) para o ser inoculado de uma espécie de espelhamento duplo — o inverso do "sumidouro" ploskiano. Antes deles todos, o alemão E. T. A. Hoffmann (1776-1822), que, investindo no fantástico, traz em "O homem de areia" (1817) a duplicidade do protagonista, essencial para a chave de "As confissões do homem invisível". Ainda em Hoffmann, os olhos têm papel-chave, o que difere no caudaloso romance de Plosk.



Há ainda referências em autores como Edgar Allan Poe (1809-1849) e, sobretudo, Lewis Carroll (1832-1898), com seu "Do outro lado do espelho", de 1872. No livro de Plosk, o protagonista — cuja amada se chama justamente Alice — encerra-se meses sem conta em casa, entregue a infinitesimais cálculos para identificar um satélite que seria o centro do universo e faz relações matemáticas que estabeleceriam o caos absoluto ou o princípio de uma simetria inencontrável, mas real. Sabe-se que Carrol, criador de "Alice no país das maravilhas" (1865), foi um matemático respeitável e amante de jogos onde lógicas fascinantes e paradoxos desconcertantes dialogavam numa antecipação do que a literatura faria em Joyce, mais de meio século depois. Plosk dá uma (boa) surra no leitor nesse aspecto. O bom leitor sai tonto, mas agradecido.

O protagonista de "As confissões..." não é "apenas" um personagem, mas vários. A perda de seu contorno e volume diante dos espelhos, que não o refletem, é o momento maior de diversas perdas. A relação com os pais, distantes, frios. A do irmão, que ele não consegue identificar se morreu por culpa dele, narrador, ou por acaso. A de Alice, que sofre da mesma maldição e que aparece e desaparece diversas vezes na narrativa — extremamente cinematográfica, diga-se antes que findem estas linhas. Ação é o que não falta, e ação num ritmo alucinado, pânico, desesperado, mesclando emoção da mais completa: a que brota do espírito, pelo torvelinho das reflexões sem esperança e, mesmo assim, inadiáveis, e também do coração humano carregando o peso insustentável das culpas, dos desejos, das renúncias.

Um livro completo e raro porque rico em carga emocional e intelectiva. Plosk nos brinda com erudição a serviço da trama. E nos envolve num carrossel de voltas e reviravoltas de cenas onde até Deus é derrotado. Em seu romance, o fantástico, num primeiro momento; o psicológico, num segundo estágio; o policial, num terceiro; o metafísico, num quarto; e outros níveis se somam para impedir que um crime cultural aconteça. Seria algo inacreditável que este segundo romance de Alexandre Plosk ficasse invisível ao público, à crítica, diante de quem estiver interessado em descobrir um livro escrito por brasileiro e parecendo ir muito além das nossas questões de selva, mosquito, favela e a tímida leitura da vida feita pela classe média. ■

PAULO BETANCUR *é escritor*

LANÇAMENTOS

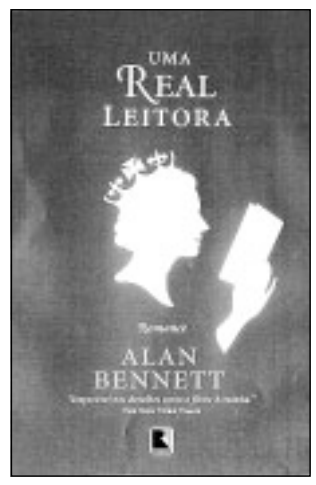


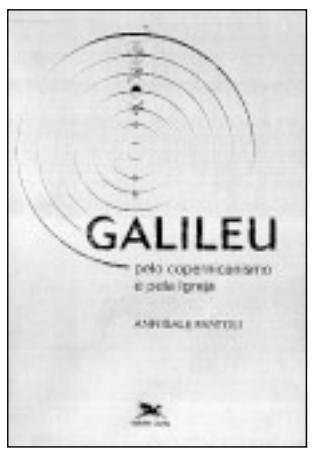
A Ponta, *de Charles D'Ambrosio. Tradução de Dóris Fleury • Editora Grua Livros, 256 páginas • R$ 36*

• Publicadas originalmente nas revistas "New Yorker" e " Paris Review", as histórias reunidas em "A Ponta" fizeram com que D'Ambrosio fosse considerado um dos mais talentosos nomes da nova geração de autores americanos. Explorando situações fronteiriças, o escritor de Seattle povoa seus contos com figuras melancólicas, em busca de uma oportunidade de redenção.

Uma real leitora, *de Ferenc Alan Bennett. Tradução de José Rubens Siquera. • Editora Record, 112 páginas • R$ 27*

• O dramaturgo inglês Alan Bennett, premiado com o Tony por sua peça "The history boys", faz neste livro uma mistura de fábula e crítica política a partir de uma premissa curiosa: o encontro da Rainha Elizabeth com um furgão onde funciona a biblioteca itinerante de Westminster. A paixão pela leitura surgida daí transforma a vida da rainha e a rotina do seu séquito.



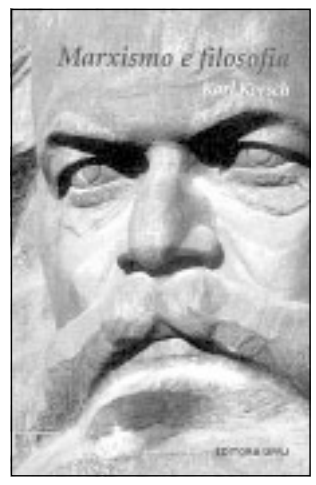


Galileu — Pelo copernicanismo e pela Igreja, *de Annibale Fantoli. Tradução de Sergio Braschi • Edições Loyola, 448 páginas • R$ 65*

• Neste estudo histórico, Fantoli reconstitui o ambiente em que se deu nos séculos XVI e XVII o embate entre as concepções copernicana e aristotélica-ptolomaica do universo. Examinando a perseguição da Igreja Católica contra Galileu, Fantoli mostra como se organizou a discussão, baseando-se em documentos liberados após a abertura dos arquivos da Inquisição.

Marxismo e filosofia, *de Karl Korsch. Tradução e apresentação de José Paulo Netto • Editora UFRJ, 170 páginas • R$ 30*

• Novo volume da coleção Pensamento Crítico, coordenada por Carlos Nelson Coutinho, este livro do alemão Karl Korsch procura reestabelecer os termos do diálogo da teoria marxista com o hegelianismo, refutando o que Korsch considerava ser uma vulgarização positivista das idéias de Marx promovida pelas esquerdas da época (anos 1920).





O Império das províncias, *de Maria de Fátima Silva Gouvêa • Civilização Brasileira/Faperj, 364 páginas • R$ 45*

• Apresentado originalmente como tese de doutorado na Universidade de Londres, este estudo procura demonstrar a importância da análise da política regional para a compreensão do Brasil oitocentista. A autora faz um exame detalhado das disputas de poder ocorridas dentro da assembléia legislativa provincial fluminense, para questionar imagens consensuais do período.

O sobrado mal-assombrado, *de Maria Leda de Moraes Chini • Editora Ao Livro Técnico, 52 pgs • R$ 31*

• Oportuno para tempos de crise financeira, o livro infanto-juvenil conta a história de Frederico, um menino de 14 anos que se muda da Avenida Vieira Souto para um sobrado no Centro, depois que seu pai se vê em dificuldades econômicas. Frederico precisa, então, se adaptar à nova realidade. O livro será lançado amanhã (dia 14), às 16h, na Travessa de Ipanema.

